

Caboverdiano e Português: cotejando estruturas focalizadas¹

Nélia Alexandre & Márcia Oliveira

(Centro de Linguística da Universidade de Lisboa & Universidade de São Paulo/FAPESP)

Resumo: *Encontramos em Português de Cabo Verde (PCV)² e em áreas do Português Vernacular Brasileiro (PVB) processos de clivagem que recorrem à focalização com que, sem empregarem um verbo cópula (contrariamente ao verificado no Português brasileiro “norma culta” (sobretudo a escrita) e no Português europeu). Esta mesma estratégia é atestada no Cabo-verdiano (CV), língua com a qual o Português está em contato estreito em Cabo Verde.*

Neste artigo, com base em corpora escritos e orais e em dados fornecidos por falantes nativos, fazemos a descrição e análise das propriedades sintáticas de construções focalizadas, discutindo a influência que o contato linguístico e propriedades universais da gramática têm nestes mecanismos de focalização do CV, do PCV e do PVB. Propomos que na estratégia de focalização ‘X que’ não se verifica a elisão do verbo cópula, pelo que não as consideramos construções clivadas (nem bioraconais). Argumentamos ainda que, nas línguas em observação, o fato de os focalizadores serem distintos da cópula pode resultar do contato linguístico ou da mudança dos valores dos traços formais de que.

Palavras-chave: interrogativas-Q, clivadas, focalização, Cabo-verdiano, Português vernacular brasileiro, Português de Cabo Verde

Abstract: *Both Capeverdean Portuguese and Brazilian vernacular Portuguese exhibit a mechanism of sentence highlighting that use que without a copula (differently from what is observed in European and Brazilian educated class Portuguese). This ‘X que’ strategy is also present in Capeverdean, a Creole language in direct contact with Portuguese in Cape Verde.*

In this paper we support our analysis in written and oral corpora and in data provided by native speakers. A description and analysis of the syntactic properties of

¹ Trabalho apresentado no V Seminário Internacional do Grupo de Estudos de Línguas em Contato, 5-6 de junho de 2014, Universidade de Cabo Verde, Praia.

² Ver listas de abreviaturas no final do artigo.

focused (highlighted) sentences in Capeverdean, Capeverdean Portuguese and Brazilian vernacular Portuguese is given, being explained by language contact influences and universal properties of grammar. Our proposal is that the focus (highlighting) 'X que' strategy does not involve copula deletion and, therefore, it should not be included in the cleft-constructions type. We also argue that in these languages the highlighter (que) is distinct from the copula because of (i) the language contact and/or (ii) a change in the formal features of que.

Keywords: wh-questions, clefts, focus/highlighting, Capeverdean, Brazilian vernacular Portuguese, Capeverdean Portuguese.

1. Introdução

As línguas dispõem de várias estratégias possíveis para focalizar um constituinte nominal. Segundo os dados do *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures* (APiCS), um dos processos mais usados é o de clivagem³, podendo a construção envolver um focalizador (um *highlighter*), que é tipicamente um verbo cópula, para os autores do APiCS, mas que pode ser um elemento de outra natureza categorial, como mostraremos e defenderemos abaixo.

Apesar de Holm (1980) referir que o verbo cópula é um *highlighter*⁴ próprio dos crioulos africanos e das línguas faladas na costa africana, mas não nas línguas europeias relacionadas com estes crioulos, notamos que o Português exibe um tipo de construção clivada que não se encontra em mais nenhuma língua românica: a 'clivada é que' (cf. Costa & Duarte 2001; Ambar 2005), como em (1), para o Português europeu (PE) e brasileiro (PB). Nesta construção, o constituinte clivado precede o verbo copulativo e é interpretado como foco contrastivo (cf. Ambar 2005).

(1) O livro **é que** o João comprou.

PE/PB

³ Assim chamados por um grande número de linguistas, embora o termo, no âmbito deste trabalho seja enganador, já que pode levar o leitor a pensar que estamos a assumir uma estrutura bioracional para estas construções, quando defendemos precisamente o contrário.

⁴ O termo '*highlighter*' foi introduzido por Holm (1980) e refere-se a uma categoria sintática discursiva atestada em línguas da África ocidental que, mais tarde e segundo o autor, foram muito difundidas para outras partes do globo via contato linguístico.

Também para as interrogativas-qu a literatura registra um tipo de ‘interrogativa focalizada’ que recorre ao mesmo mecanismo de ‘X é que’ (cf. Kato *et al.* 1996, Duarte 2000, Ambar 2005, e.o.), como em (2).

(2) Quem **é que** comprou este livro?

PE/PB

No entanto, encontramos noutras variedades do Português (e.g., a de Cabo Verde e em extensas áreas do Português vernacular do Brasil) processos de focalização que só recorrem à forma *que*. Notamos ainda que essas variedades estão (ou estiveram) em contato com línguas que não recorrem a um verbo cópula para efeitos de focalização de constituintes nominais.

Nesse trabalho a nossa ênfase recai sobre o processo de focalização ‘X que’. A hipótese de trabalho que aqui colocamos é a de que nas variedades do Português em que a estratégia ‘X que’ é produtiva o focalizador (ou *highlighter*) é *que*, um elemento distinto da cópula, e a estratégia resulta do contato linguístico com outras línguas.

Este artigo pretende, portanto, discutir até que ponto o contato linguístico e propriedades universais da gramática têm influência nos mecanismos de focalização das línguas em estudo: o caboverdiano (CV), o Português de Cabo Verde (PCV) e o Português de extensas áreas do Brasil (variedade vernacular – PVB).

A partir de dados de *corpora* (escritos e orais) e de dados fornecidos por falantes nativos, faremos a descrição e análise das propriedades sintáticas de construções focalizadas apenas com elemento interrogativo-qu em CV, em PCV e em PVB, como se pode observar em (3)-(5), respetivamente. Nestes dados observa-se que o sintagma interrogativo-qu é deslocado por movimento para a esquerda para o início da frase (ou seja, para uma posição não argumental), sendo imediatamente seguido de *ki/que*. Tais factos podem ser traduzidos na fórmula: *sintagma interrogativo-qu frontado, seguido de ki/que, sem cópula*.⁵

(3) a. **Kusé** **ki** bu kunpra?
 coisa que 2sg comprar(PST)
 Lit.: ‘Que que tu compraste?’
 ‘O que é que tu compraste?’⁶

CV

b. Maria djobe **kusé ki** mininus riska?
 Maria ver(PST) coisa que meninos riscar(PST)

⁵ Ver Oliveira (no prelo: introdução).

⁶ Nos exemplos do CV, apresentaremos sempre uma linha de tradução literal e outra que corresponde à norma do PE ou ao PB culto.

Lit.: ‘Maria viu que que meninos riscaram?’

‘A Maria viu o que é que os meninos desenharam?’

(4) a. ... mas **quem que** está a falar errado?

PCV

(A. Lopes 2011, Anexo 7: 9)

b. ...sinceramente não vejo **porquê que** eu... eu não gostaria...

(A. Lopes 2011, Anexo 7: 3)

(5) **Que que** o João comprou?

PVB⁷

O presente trabalho assenta em dados provenientes de vários *corpora* disponíveis e de informantes consultados para o efeito. Quanto aos *corpora*, para o CV, usamos dados de Alexandre (2006 e 2012), exemplos do APiCS (2013)⁸, do Instituto Max Planck de Leipzig, e consultamos falantes nativos do CV. Relativamente ao PCV, usamos (i) o *corpus* África⁹, um subcorpus do *Corpus* de Referência do Português Contemporâneo, composto por 637.533 palavras de proveniências diversas em textos recolhidos entre 1970 e 1990 (e.g., dados escritos – correspondência, jornais, revistas, folhetos, livros, varia – e dados orais); (ii) o *corpus* VAPOR¹⁰, com cerca de 25.000 palavras transcritas, e (iii) o *corpus* de A. Lopes (2011), composto por um subcorpus oral com, aproximadamente, 182.000 palavras e um subcorpus escrito com quase 7.000 palavras.

Finalmente, para o PVB, usamos dados da intuição de uma das autoras, falante da região sudeste do Brasil, especificamente do Rio de Janeiro (ver nota 6)¹¹.

Este artigo encontra-se dividido em quatro seções além desta introdução, que apresenta o *corpus*. Na seção dois, fazemos uma breve revisão sobre a noção de foco, apresentando a operação de clivagem com o objetivo de introduzirmos a questão de os sintagmas interrogativos-qu fronteados seguidos de *que* sem cópula terem vindo a ser

⁷ Português vernacular brasileiro falado na região sudeste. O dado (5) pode ser o exemplo de um falante “carioca” (do Rio de Janeiro) de onde Márcia Oliveira é natural. No entanto, não é um falar natural de um belenense (de Belém do Pará – norte do Brasil), por exemplo.

⁸ O APiCS contém mais de 18.500 exemplos de 76 pidgins e crioulos falados no mundo.

⁹ O *corpus* África é um recurso do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e encontra-se disponível online em <http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/crpcweb23/>, sendo pesquisável na plataforma *Corpus Query Processor* (CQPweb).

¹⁰ Projeto em curso, desde 2008, no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, na sequência do *Corpus* África. Os dados (orais) usados neste trabalho foram recolhidos em Cabo Verde em 2008 e 2009.

¹¹ Refira-se que também serão usados dados retirados do projeto NURC-SP e NURC-RJ (<http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>), i.e., da norma urbana culta de São Paulo e do Rio de Janeiro, sempre que for necessário mostrar como a estratégia em estudo não ocorre apenas na variante vernacular da região em destaque do português brasileiro.

analisados, na literatura de modo geral, como resultado de um processo de gramaticalização que apaga uma cópula invariável (concretamente, *é*). Ainda dentro dessa seção, apresentamos uma proposta diferente para os dados do CV, do PCV e do PVB. Corroboramos igualmente análises que propõem que o fenômeno seja descrito como uma construção de foco não clivada. Nas seções três e quatro apresentamos estruturas focalizadas em CV e em PCV, respectivamente, confirmando a análise destas estruturas como envolvendo foco sem clivagem. Na seção 5 enunciaremos as conclusões possíveis.

2. Foco e Clivagem – breves considerações

2.1. Foco

Nesta seção, abordaremos resumidamente a categoria foco, incidindo sobre os subtópicos que consideramos importantes para a nossa análise. Primeiramente, chamamos a atenção do leitor para a noção de foco que assumimos, na linha do que propõe Zubizarreta (1997: 1), *ap.* Santos & Oliveira (2011: 273-274), tradução dos autores:

“(...) foco é definido em termos da noção discursiva de pressuposição: o foco é a parte não pressuposta da sentença. (...)”

Zubizarreta (1997) propõe que a interpretação de um constituinte focalizado deve ser representada por meio de duas asserções (A) no nível da Forma Lógica (LF): A₁, A₂, chamadas de estrutura de asserção (AS) pela autora, conforme notamos abaixo para um elemento focalizado [_F o chá] em:

(i) Foi o chá que o Pedro bebeu

A₁: Existe um x tal que o Pedro bebeu x.

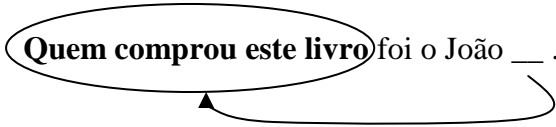
A₂: O x tal que o Pedro bebeu x = [_F o chá].”

Na literatura sobre foco, encontramos referidos vários mecanismos (clássicos) de marcação de foco em que distintos componentes da língua estão envolvidos, como a morfossintaxe e a fonologia. Assim, em Português, o foco pode ser marcado por (i) inserção do verbo cópula *ser*, que pode ter ou não marcas de concordância, como em

(2), retomado em (6); (ii) deslocção do constituinte focalizado para outro lugar na frase (7); ou (iii) realce prosódico (pico entoacional), como em (8).

(6) Quem **é/foi que** comprou este livro?

(7) **Quem comprou este livro** foi o João ____.



(8) **O JOÃO** comprou este livro (não foi a Maria).

Neste artigo, reforçaremos a ideia de que o foco pode ser realizado morfossintaticamente, na linha de propostas já efetuadas para outras línguas, nomeadamente, como em Alexandre (2006 e 2012), considerando para o CV que a posição C° tem o traço formal [+Q] que é lexicalizado por *ki* através de uma operação de *Merge*. De igual modo, Jorge & Oliveira (2012), num estudo sobre a realização de estruturas com um elemento [+Q] fronteado em línguas reestruturadas mostram como a categoria foco pode ser realizada por meio de um elemento morfológico nessas línguas (nomeadamente, *ki* – em CV – ou *que* – em PVB)¹².

Como já apontado na seção 1, os *corpora* deste trabalho envolvem dados que obedecem a uma dada fórmula: *sintagma interrogativo-qu fronteado, seguido de ki/que, sem cópula*. Na literatura há um debate sobre se esses dados são compostos ou não por estruturas clivadas, uma operação sintática empregue para obtenção de foco.

A seguir, apresentamos resumidamente o debate e ratificamos a posição de que as construções aqui em estudo não são casos de estruturas clivadas.

2.2. Clivagem – revisão sumária

2.2.1. Clivagem ‘canônica’

A clivagem, como já dito, é um mecanismo sintático para a obtenção de foco. Adotamos aqui a noção proposta em Santos & Oliveira (2011: 276):

¹² Santos & Oliveira (2011) apresentam uma proposta semelhante para os dados do Português culto falado em Angola, como em (i).

(i) Quando **que** pensa trabalhar?
(Santos & Oliveira 2011: 296)

Figueiredo & Santos (no prelo) apresentam proposta semelhante para o português falado no município do Libolo (Kwanza Sul/Angola).

“(…) Tomada como uma sentença ‘marcada’, assim como as pseudoclivadas e perguntas-QU fronteadas, a clivada é o resultado de uma operação de ‘ensanduichamento’ de um dado sintagma da sentença entre uma cópula e um ‘que’, como vemos no sintagma *uma casa*, abaixo:

(i) *Foi uma casa_i **que** ele comprou _{t_i} (e não um carro).*”

Realçamos ainda que a maior parte dos estudos sobre construções focalizadas em PE tem afirmado que tanto interrogativas como clivadas envolvem movimento para uma posição não argumental (movimento-A´) dos constituintes sobre os quais recai esta operação. Por exemplo, relativamente às interrogativas-qu do PE, Ambar (1992) e Duarte (2000) consideram que estes enunciados se caracterizam por envolverem o movimento-A´ de um morfema ou sintagma-qu, gerado numa posição interna à frase, para *Spec,CP*, como em (9).

(9) [_{CP} O que_j [_{C°} é que [_{IP} a Maria leu ~~o~~ que_j]]]?

A par disto, Brito *et al.* (2003: 466) defendem que, em PE, os morfemas-qu não podem co-ocorrer com complementadores explícitos em C° (10).

(10) ***Quem que** chegou? PE

No que diz respeito às orações clivadas do PE, e de acordo com Costa & Duarte (2001: 631), elas são estruturas que envolvem movimento-A´, mas não implicam movimento-qu para fora do domínio em que se dá a relação de identificação. Na verdade, para Costa & Duarte (2001: 627), as clivadas são estruturas identificacionais em que a relação de identificação se estabelece entre dois termos de uma oração pequena (SC – *Small Clause*) e os constituintes clivados deslocam-se de uma posição interna à SC para *Spec,IP*.

Os autores afirmam ainda que todos os tipos de clivadas são derivados de duas estruturas identificacionais subjacentes (cf. (11)).

(11) a. [_{IP} ser [_{SC} [_{CP} {o que/OP que} o João comeu] [_{DP} o bolo]]]
(Clivadas-qu, pseudoclivadas básicas, pseudo-clivadas invertidas ou clivadas)

b. [_{IP} {ser/é que} [_{SC} [_{CP} OP [_{IP} o João comeu]] [_{DP} o bolo]]]

(Pseudoclivadas invertidas de *é que*, pseudoclivadas e semipseudoclivadas básicas)

(Costa & Duarte 2001: 628)

No caso das pseudoclivadas invertidas de *é que*, os autores propõem que a expressão *é que* sofreu um processo de reanálise em que o complementador *que* do CP sujeito da SC é incorporado no verbo *ser*, contando como um morfema único que ocorre em I° (cf. Costa & Duarte 2001: 628) e dando origem a configurações bioracionais (IP e SC) como as de (12).

- (12) $\left[\text{IP } [\text{DP o bolo}]_i \text{ é que } \left[\text{SC } [\text{CP Op o João comeu}] \text{ } \right] \right]$

2.2.2. Clivagem ‘não canônica’ – um subtipo de pseudoclivadas

A literatura aponta que, entre as línguas românicas, estruturas chamadas “pseudoclivadas invertidas de *que*” e “interrogativas focalizadas/clivadas do tipo *que*” – as estruturas sob enfoque em nosso estudo – só são atestadas em PVB (cf. Costa & Duarte 2001: 628). Essas construções foram exemplificadas na seção 1 através dos exemplos (3)-(5), para o CV, PCV e PVB. Reveja-se o exemplo (5), retomado aqui como (13):

- (13) **Que que** o João comprou? PVB

Kato & Ribeiro (2009: 152), entre outros, analisam dados iguais aos de (13) como o resultado de um processo de gramaticalização que apaga uma cópula invariável (*é*). Deste modo, para esses autores, tais dados são parte da “operação de clivagem” com apagamento de cópula e inserem-se no conjunto das estruturas bioracionais (veja-se a proposta de estrutura unificada de Costa & Duarte 2001 para todas as clivadas, incluindo as pseudoclivadas, em (11a-b)).

Começamos por dizer que ratificamos estudos que consideram que construções como (13) não são atestadas apenas no PVB. Os sintagmas interrogativos-qu fronteados, seguidos de focalizador *que*, sem cópula vêm sendo atestados no Português falado no Libolo (Angola) – cf. Figueiredo & Santos (no prelo); no Português falado na Guiné-Bissau – cf. Santos & Silva (este volume) e no Português falado em Cabo Verde – cf.

Alexandre (este volume)¹³. O fenômeno tem sido ainda descrito em línguas crioulas do atlântico¹⁴, como o CV, o Principense, o crioulo jamaicano, o crioulo da Costa Miskito (Nicarágua) – ver Oliveira & Holm (2011: 32-34) – entre outros.

Diferentemente da análise de clivagem de Costa & Duarte (2001), nós ratificamos análises de que tais construções sejam estruturas mono-oracionais – Jorge & Oliveira (2012), Oliveira (no prelo). Logo, o morfema *que* em enunciados do PVB como (13) acima é tratado como um *highlighter*; um marcador morfológico da categoria foco realizado tanto no PVB, como no CV, no PCV e em outras línguas do Atlântico, como vem sendo atestado na literatura. Esta proposta pode ser reforçada ainda por análises como as de Alexandre (2006 e 2012) para o CV.

As propostas de Oliveira (2011 e no prelo), entre outros, apoiadas em estudos prévios ligados a línguas africanas da família do Níger-Congo, atestam a ausência de “clivagem” para a marcação de foco de elementos fronteados. Nos trabalhos citados apontam-se os estudos sobre o foco em Hausa, como em (14); Kimbundu e Kikongo (línguas referidas por Arends 1989: 104 – dois exemplares de línguas bantas em que, segundo o autor, o fenômeno de clivagem não opera).

- (14) **Mēnē** **nè** ya f̄aru? Hausa
o.que.m FM.m 3msg.FOC.PFV acontecer
Lit.: ‘O que que aconteceu?’
(Green 2007: 60-69, ap. Jorge & Oliveira 2012: 260)

Nas seções que se seguem apresentamos a focalização em CV e em PCV.

3. Estruturas focalizadas em Caboverdiano

3.1. Breve panorâmica sociolinguística

Segundo dados do *Ethnologue*, o CV é a língua materna (L1) da maioria da população de Cabo Verde e está em contato apenas com o Português. O *census* de 2010

¹³ A título de exemplo, observe-se (i), para o Português da Guiné-Bissau, e compare-se com o dado do Português de Angola (nota 11 acima) e com os dados do texto.

(i) uhn, mas é assim, como **que** você... ficou sabendo sobre... questão da vaga na embaixada e tal?
(Santos & Silva 2012)

¹⁴ Segundo Oliveira & Holm (2011: 32, nota 6), “O termo ‘línguas crioulas do Atlântico’ é um termo técnico em ‘Teoria do Contato’ e se refere aos crioulos que têm sido relacionados às línguas africanas (LAs); (...) Logo, justifica-se que, no conjunto de dados apresentados (...) línguas crioulas da Nicarágua e da Jamaica tenham sido incluídas (...)”.

indica-nos que a população atual de Cabo Verde é de 492.000 e que cerca de 100.000 pessoas (20%) são monolíngues em CV, enquanto os restantes são bilingues em CV e Português¹⁵. Há ainda estudos que indicam que, neste país, o Português só é falado como L1 por uma minoria da população (essencialmente, por portugueses ou brasileiros a morar no território) (cf. A. Lopes 2011).

Para esta situação linguística atual, contribuiu a fraca representatividade da língua portuguesa ao longo da história de Cabo Verde e a ausência quase total de instrumentos e de políticas de imposição cultural (e.g., escolas, professores, material didático), razões pelas quais, nos séculos XVII e XVIII, o CV já se tinha consolidado em todo o arquipélago (Carreira, 1982), ao ponto de, no séc. XIX, a coroa portuguesa se mostrar preocupada com esta situação, considerada já nessa altura irreversível:

“Os indígenas não falam outra linguagem: rezam em crioulo; os párocos lhes explicam a doutrina cristã em crioulo, e em crioulo falam eles a qualquer autoridade, que não sendo do país carece de intérprete para os entender. Os que habitam nas povoações marítimas pela maior parte compreendem o português, mas não o falam. (...) Os mesmos brancos animam este uso, aprendendo o crioulo logo que chegam da Europa, e usando-o depois no trato doméstico, educando os seus filhos a falarem-no quase com exclusão do português limpo (assim lá chamam, e com razão, o puro)”.

(José Joaquim Lopes de Lima, 1844, *ap.* Duarte, 1998:124)

Convém ainda referir que, devido à diáspora cabo-verdiana, atualmente há milhares de falantes de herança de CV espalhados pelo mundo (e.g., em Portugal, França, Holanda, Estados Unidos, etc.).

3.2. Interrogativas-qu fronteadas em Caboverdiano

No que diz respeito às orações interrogativas-qu em CV, Alexandre (2012) defende que elas envolvem movimento(-qu) dos pronomes interrogativos da sua posição

¹⁵ Esta convivência entre CV e Português é uma realidade tão presente no dia-a-dia da população que o Governo de Cabo Verde aprovou a Resolução 48/2005 de 14 de novembro, em que assume a intenção de “implementar “bilinguismo assumido” (...), exigência do valor histórico, social, cultural, patrimonial e sentimental das duas principais línguas da nossa vivência antropológica – o Caboverdiano e o Português”.

básica para *Spec,CP*¹⁶, como em (15)-(18), para todos os morfemas interrogativos da língua.

(15) a. **Kenha ki fasi katxupa?**

quem que fazer(PST) cachupa

Lit.: ‘Quem que fez cachupa?’

‘Quem (é que) fez a cachupa?’

b. **Ken ki ka konxe bidjakaria di Nho?**

quem que NEG conhecer velhacaria de senhor

Lit.: ‘Quem que não conhece velhacaria do senhor?’

‘Quem (é que) não sabe que o senhor é velhaco?’ (Santos 2000)

(16) **Kuse ki bo ta bebi?**

coisa que 2SG IPFV beber

Lit.: ‘Que que tu bebes?’

‘O que é que tu bebes?’

(17) **Kantu mudjeris ki fuxi di kasa?**

quanto mulheres que fugir(PST) de casa

Lit.: ‘Quantas mulheres que fugiram de casa?’

‘Quantas mulheres (é que) fugiram de casa?’

(18) **Y pamódi ki ka ta kiriadu kondisons pa**

E porque que NEG IFV criar+du condições para

xina nos língua?

aprender POSS língua

Lit.: ‘E porque que não são...’

‘E porque é que não são criadas condições para se aprender a nossa língua?’

(Silva, 1998: 112)

¹⁶ Recorde-se que neste trabalho só estamos a considerar as interrogativas-qu fronteadas, pelo que não nos referimos às interrogativas *in situ*.

Como se observa nos dados acima, os sintagmas-qu são fronteados para a posição inicial de frase, sendo imediatamente seguidos de *ki (que)*¹⁷, sem cópula a intermediar os dois elementos.

Quanto às possibilidades de clivagem, o CV disponibiliza a estratégia clivada que também se encontra em PE e em PB, com o formato ‘*ser X que*’, como nos enunciados de (19)-(22):

(19) **E** [DPU rapas] **ki** furta galinha.

COP rapaz que roubar(PST) galinha

Lit.: ‘É o rapaz que roubou as galinhas.’

‘Foi o rapaz que roubou as galinhas.’

(20) Nu atxa m’e [DP fidjus di Maria] **ki** furta galinha.

1pl achar(IPFV) que-COP filhos de Maria que roubar(PST) galinha

Lit.: ‘Nós pensamos que é os filhos da Maria que roubou as galinhas.’

‘Nós pensamos que foram os filhos da Maria que roubaram as galinhas.’

(21) **Foi** [DP galinha] **ki** rapas furta (e ka patu).

COP galinha que rapaz roubar(PST) (COP NEG pato)

Lit.: ‘Foi galinha(s) que o rapaz roubou (não foi pato).’

‘Foram as galinhas que o rapaz roubou (não foram os patos).’

(22) **E** [DP ku mudjeris] **ki** omi papia.

COP com mulheres que homem falar(PST)

Lit.: ‘É com mulheres que o homem falou.’

‘Foi com as mulheres que o homem falou.’ (Alexandre 2006)

Note-se que nestas clivadas o verbo *ser* pode aparecer flexionado em tempo (pretérito, como em (21)) *foi*, embora a forma preferida seja *e*.

Além desta estratégia de clivada, registra-se em CV outra, aparentemente mais frequente, de clivada sem cópula, implicando obrigatoriamente a não ocorrência da

¹⁷ Note-se que *ki* pode ser omitido em (15)-(18) sem comprometer o significado das frases. No entanto, a quase totalidade dos falantes inquiridos prefere a ocorrência explícita de *ki*, o que parece reforçar a hipótese de que este elemento é a marca morfológica de um traço formal (abstrato) de foco (ou de [+Q], como propõe Alexandre 2012).

cópula *e* em I¹⁸ e envolvendo apenas a forma *ki* (que) em C. Podemos afirmar ainda que estas construções pseudoclivadas invertidas de *ki* em CV geram leituras ambíguas entre clivadas e relativas (cf. (23)-(25)).

(23) **Djon ki** sabi e undi.

João que saber COP onde

Lit.: ‘João que sabe é onde.’

‘O João é que sabe onde é.’ (Quint-Abrial, 1998)

(24) **Galinha ki** rapas furta (e ka patu).

Galinha que rapaz roubar(PST) (COP NEG pato)

Lit.: ‘Galinha que o rapaz roubou (não é pato).’

‘As galinhas é que o rapaz roubou (não foi os patos).’

(25) **Oxi ki** N ta po-bu na korda.

Hoje que 1SG IPFV pôr-2sg em corda

Lit.: ‘Hoje que vou-te pôr na corda.’

‘Hoje é que eu te apanho.’ (Santos, 2000)

Orações interrogativas-qu fronteadas como (15)-(18), também consideradas na literatura como um tipo de clivada,¹⁹ e clivadas como (19)-(22) levaram Alexandre (2006) a propor que em CV é necessário lexicalizar a posição C° [+Q] por *Merge*²⁰. Tal proposta pretende dar conta, especificamente, das construções em que a posição de *Spec*/CP se encontra preenchida por um elemento-qu e em C° ocorre, simultaneamente, *ki*. Saliente-se que esta proposta não pode ser considerada um contra-argumento àquilo a que nas primeiras fases do Programa Gerativista se designava por *Doubly Filled C Filter* (cf. Chomsky & Lasnik 1977), que excluía a coocorrência de um sintagma-qu e

¹⁸ Recorde-se que em CV, na variante de Santiago, não existe *e ki* (é que) como alternativa a *ki* (que).

¹⁹ Pseudoclivada invertida do tipo *que* – ver, entre outros, Oliveira (no prelo; cap. 2); Braga, Kato & Miotto (2009: 283). Ver ainda nossa subsecção (2.2.2.).

²⁰ A necessidade de lexicalizar C° por *Merge* com *ki* não é exclusiva das estruturas interrogativas-qu e clivadas em CV. Também em construções relativas e noutras variantes do CV além da de Santiago a ocorrência de *ki* (ou *k'*) é obrigatória. Atente-se no exemplo de uma oração relativa dada por Cardoso (1989), para o CV de São Nicolau:

(i) Kel rapáz má ken k' bo tá ta papia...

DET moço com quem COMP 2sg estar-PST IPFV falar

Lit.: ‘Aquele moço com quem que tu estavas a falar.’

(Cardoso 1989: 34, ap. F. Lopes 2012: 38, adaptado)

de um complementador em C (atualmente, em CP), por razões de legitimação dos vestígios, dado que se sabe hoje que este filtro não é universal.

4. Estruturas focalizadas em Português de Cabo Verde

4.1. Breve panorâmica sociolinguística

Fatores históricos e sociais explicam a dinâmica do Português em África que conduziu à emergência de novas línguas e de outras variedades do Português. Concretamente, no século XV e XVI, a partir do contato linguístico entre o Português e várias línguas africanas que coabitaram o mesmo espaço, formaram-se os crioulos da Alta Guiné (Cabo-verdiano, Kriyol e crioulo de Casamansa). Daí até à atualidade, e em particular em Cabo Verde, o Português continua a conviver com o CV, mas não se nativizou (contrariamente ao que encontramos noutros espaços africanos, em que uma variedade de Português L1 começa a emergir, parecendo estar a nativizar-se efetivamente, sendo já a língua materna de uma parte significativa da população – e.g., em São Tomé e Príncipe, Luanda, e Maputo)²¹. O que se observa em Cabo Verde é uma variedade do Português que é falada como L2 (e oficial) pela maioria da população, não havendo já uma clara separação funcional entre o CV e o Português. Por isto, a variedade de Português falada em Cabo Verde (o PCV) depende de vários fatores, como (i) o grau de instrução dos falantes; (ii) o grau de exposição à língua portuguesa (e a qualidade do *input*) e (iii) as condições socioeconômicas dos falantes.

Na linha de A. Lopes (2011), inclusivamente os falantes mais instruídos apresentam falhas no processo de aquisição do Português L2 em Cabo Verde, já que (i) não há acesso à norma europeia (ao PE), nem naturalmente, nem formalmente, pois só um número muito reduzido de falantes domina plenamente a norma, e (ii) há *transfer* negativo da L1 (o CV) para a L2 (o Português). A título de exemplo, Monteiro (2009: 100)²², refere que as crianças do seu estudo, no 1º ano, não leem em Português e que no 2º são pouquíssimas as crianças que conseguem ler. Segundo a autora, no recinto

²¹ Para uma reflexão mais aprofundada sobre este assunto, veja-se Hagemeijer & Alexandre (2013), que questionam as consequências da existência de uma nova variedade de Português para a comunidade que a fala e qual deverá ser o papel dos linguistas. Para os autores, as variedades africanas do Português exibem um contínuo muito amplo, devido ao estatuto do Português como L1 ou L2 e a diversas variáveis sociolinguísticas (e.g., nível de educação, idade, grau de exposição à língua portuguesa, etc.). Estas variedades apresentam também muita convergência com o PE padrão em muitas áreas da gramática. Ver ainda Figueiredo & Oliveira (2013) que reclamam o estatuto do Português do Libolo (Angola) como L1.

²² Um estudo realizado nas escolas públicas da cidade da Praia com crianças entre os 6 e os 9 anos. Todas as crianças têm o CCV como língua materna, que utilizam normalmente em casa, com os amigos da família, os da escola e outros, usando o CCV, *inclusive*, para se dirigirem aos professores, que também recorrem sistematicamente ao CCV durante as aulas para explicitarem as matérias.

escolar, ouve-se o CV em 100% dos casos, concluindo que a língua portuguesa e a escola acabam por funcionar como fator de exclusão (p. 102).

Apesar de nos *corpora* consultados não se registrar um grande número de interrogativas-qu²³ e de clivadas sem cópula, registram-se algumas frases em que a focalização é feita com *que*, tipicamente depois do pronome e do advérbio *porque* e *onde*, como em (26)-(27), mas também com *quem* e *como* (28)-(29), para interrogativas-qu, e estruturas clivadas (30).

(26) a. sinceramente não vejo **porquê que** eu... eu não gostaria... é uma questão...

(A. Lopes 2011, Anexo 7: 3)

b. ... acho normal não (...) **porquê que** aconteceu no Brasil?

(A. Lopes 2011, Anexo 7: 109)

c. ... o chinês... **porquê que** se vai pôr tantos problemas a aprender a escrever crioulo? (A. Lopes 2011, Anexo 7: 119)

d. ... **porquê que** acontece muitas vezes com os santiaguenses - até celebrativa - não é? (A. Lopes 2011, Anexo 7: 158)

e. ... acho que tratamento igual não é igual a igualar -- **porquê que** eu digo igualar? (A. Lopes 2011, Anexo 7: 161)

f. ... eu vou responder esta pergunta com uma outra - **porquê que** o cicerone de são Vicente era um indivíduo *bazofu*?

(A. Lopes 2011, Anexo 7: 296)

g. ... eu comigo mesmo muitas vezes dizia – “mas **porquê que** essas missas que são dadas aí...?”

(A. Lopes 2011, Anexo 7: 306)

h. eu muitas vezes pergunto - mas **porquê que** não falam em crioulo - se o povo entende? (A. Lopes 2011, Anexo 7: 306)

(27) ... este é crioulo de Nassau - um sítio que não tinha nada a ver... lá para as Índias Ocidentais... ou sei lá **onde... que** os portugueses tinham lá estado numa situação similar àquela que tivemos em Cabo Verde.

(A. Lopes 2011, Anexo 7: 67)

²³ A escassez destas estruturas nos dados de *corpora* deve-se essencialmente à natureza da recolha destes dados, já que, normalmente, se pede aos informantes que falem sobre um determinado tópico, não havendo assim, situações dialógicas, mas antes monológicas. Por isto, consideramos também os dados relevantes presentes nas perguntas do inquiridor, sempre que se sabe que essa pessoa é falante de PCV.

(28) ... então eu ficava assim a pensar - mas **quem que** está a falar errado?

(A. Lopes 2011, Anexo 7: 343)

(29) **Como que** acha que é a sua proficiência geral em português e em crioulo?

(A. Lopes 2011, Anexo 7: 332)

(30) a. "o MpD não se deve escandalizar -se (...), porque ele **que** , com a sua maioria , fez batota na Assembleia...".

(*Corpus África*, J10702)

b. ... eu cresci numa, num ambiente que só pessoas que vivem na América, **que** falavam comigo.

(VAPOR, ANL)

c. ... a língua que facilita ou que mais facilita a comunicação entre os presentes - **esse que** é o critério - independentemente de ser o crioulo...

(A. Lopes 2011, Anexo 7: 9)

Como é de esperar, nesta variedade de Português também encontramos outras estratégias de clivagem, especialmente, a pseudoclivada invertida de *é que* ou a clivada 'ser X que', como em (31)-(32) abaixo.

(31) a. ... imagine... o que **é que** isso faz lembrar?

(A. Lopes 2011, Anexo 7: 32)

b. ... o crioulo **é que** comanda a vida -- a língua cabo-verdiana...

(A. Lopes 2011, Anexo 7: 21)

(32) a. ... o português é uma língua que eu falo e **é** a língua **que** eu escrevo.

(A. Lopes 2011, Anexo 7: 8)

b. ... eu falo o crioulo de São Vicente porque **foi lá que** eu me criei desde pequenininha.

(A. Lopes 2011, Anexo 7: 68)

Como afirmamos acima, concordando com A. Lopes (2011), tais estratégias estão presentes *inclusive* nos discursos de falantes mais instruídos, pelo que a variável ‘grau de instrução/escolaridade’ não parece desempenhar nesta área um papel relevante.

Perante estes dados, colocam-se as seguintes questões:

- (i) O contato com o CV, que realiza morfologicamente foco em C° através de *ki* (que), condiciona o uso da estratégia de focalização ‘*X que*’ em PCV²⁴?
- (ii) O morfema *que* da estratégia ‘*X que*’ terá adquirido traços formais explícitos de foco [+FOC], além do traço [+QU], marcando a oração que ele introduz como pertencendo à tipologia de estruturas focalizadas?

Neste artigo, consideramos que a focalização de constituintes nominais feita por ‘*X que*’ e, mais especificamente, por sintagmas interrogativos-qu fronteados seguidos de *ki/que*, sem cópula, em PCV e PVB resulta do contato que o Português teve e tem com o CV, no caso do PCV, e com línguas africanas da costa oeste, para o PVB.

Tomando o exemplo da relação Cabo-verdiano/Português de Cabo Verde, podemos ponderar se a construção de focalização em estudo não passou, no próprio CV, por um processo de relexificação em que o morfema *que* do Português foi reinterpretado como um marcador de frase cuja função é introduzir um domínio oracional focalizado. Essa mudança terá ainda conduzido a uma alteração nos traços formais de *que*, que passa a especificar positivamente o traço [FOC]. Realçamos também o facto de as principais línguas africanas de substrato do CV, pertencentes à família do Níger-Congo, a saber, Wolof e Mandinga, exibirem processos de focalização distintos, mas em alguns aspetos semelhantes, ao que verificamos em CV. Por exemplo, em Wolof a clivagem é feita apenas por deslocação do elemento focalizado para *Spec,Foc°*, como [Ayda] em (33), enquanto em Mandinga o realce é feito por um elemento que ocorre obrigatoriamente no final da frase, como [di] em (34).

- (33) **Ayda** mu a leen fa togg-al-oon jën wi daaw. Wolof
 ayda 3sg COP²⁵ 3pl LOC cozinhar-BEN-PST peixe o ano.passado
 Lit.: ‘A Ayda que cozinhou o peixe para esses aí no ano passado.’
 (adaptado de Torrence 2013: 176)

²⁴ Podíamos equacionar também o papel da saliência fônica no processo da não realização da cópula na estratégia ‘*X que*’, mas não seguiremos esse caminho aqui.

²⁵ Segundo Torrence (2013: 180-181), a presença do verbo cópula em (33) é independente de foco.

(34) Kó-di?

Mandinga

dizer-o.que

‘O que se passa?’

(adaptado de Defosse 1955: 120)

Assim, é lícito supormos que as primeiras gerações de falantes de Português L2, falantes de línguas níger-congolesas em contato com o Português, tenham escolhido focalizar através do movimento de constituintes para a periferia esquerda do enunciado e, simultaneamente, assinalar esse tipo de construção a partir de um elemento morfologicamente explícito – *que*, dispensando completamente o verbo cópula. Na nossa linha de raciocínio, tanto em PCV como em PVB, as estruturas focalizadas por ‘X *que*’ são mono-oracionais, porque *que* entra na Numeração como um elemento [+FOC] que é inserido por *Merge* em C°, havendo apenas movimento-A’ do elemento focalizado para *Spec,CP*, como sumariamente esquematizado em (35).

(35) [_{CP} [_{DP} Onde]_i [_{C°} **que**] [_{IP} o João comprou este livro ~~onde~~_i]]?

Como se observa em (35), o apagamento de um verbo cópula em C° ou noutro lugar na estrutura de uma frase focalizada não é tomado em consideração na nossa análise.

5. Considerações finais

Neste artigo mostramos que há uma tendência convergente nas estratégias de focalização entre o CV e duas variedades de Português: a cabo-verdiana e a vernacular brasileira.

A partir de dados obtidos em *corpora* escritos e orais e junto de falantes nativos, descrevemos uma estratégia de focalização presente em interrogativas-qu e clivadas do CV, PCV e PVB: a focalização sem cópula, com *ki/que*; questionamos se essa estratégia no PCV seria decorrente da interferência (*transfer* negativo) do CV (língua materna dos cabo-verdianos) no PCV e se essa interferência estaria relacionada com o grau de instrução dos falantes, tendo concluído que outros fatores (como a natureza dos traços formais de *que* e provavelmente a saliência fônica) pesarão mais na ocorrência daquela

estratégia. Finalmente, defendemos uma análise unificada das construções focalizadas por *que*, propondo para elas uma estrutura mono-oracional em que a cópula não é elidida.

Abreviaturas:

APiCS = Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online	PCV = Português de Cabo Verde
CV = Cabo-verdiano	OP = Operador
COMP = Complementador	PB = Português brasileiro
COP = Cópula	PE = Português europeu
DP = Determiner phrase (Sintagma determinante)	POSS = Possessive
FOC = Foco	PST = (Aspeto) passado
IPFV = (Aspeto) imperfetivo	PVB = Português vernacular brasileiro
Lit. = (Tradução) literal	SC = <i>Small clause</i> (oração pequena)
L1/L2 = Língua materna/língua segunda	<i>Spec</i> = <i>Specifier</i> (especificador)
NEG = Negação	1,2,3 = Pessoas verbais

Referências bibliográficas:

- Alexandre, Nélia. (neste vol.). Aquisição de Português L2 em Cabo Verde: algumas características morfossintáticas do contacto. G. Araújo; P. Jeferson & M. Oliveira (eds.). *Português Falado na África Atlântica*.
- ____ (2012). *The Defective Copy Theory of Movement: evidence from wh-constructions in Cape Verdean Creole*, Amsterdam: John Benjamins.
- ____ (2006). Estruturas em movimento: alguns tópicos sobre construções-Q e de clivagem. *Letras de Hoje*, 41:1, 99-119.
- Ambar, Manuela. (1992). *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*. Diss. de Doutoramento, Lisboa: Colibri.
- ____ (2005). Clefts and tense asymmetries. In A. M. Di Sciullo (ed.). *UG and External Systems. Language, brain and computation*. Amsterdam: John Benjamins, 95-127.
- Brito, Ana M^a, Duarte, Inês & Matos, Gabriela. (2003). Estrutura da frase simples e tipos de frase. In M. Mateus *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa*, 5^a ed., 433-506, Lisboa: Caminho.
- Carreira, António. (1982). *O Crioulo de Cabo Verde – surto e expansão*, Mem Martins: Europam.
- Chomsky, Noam & Lasnik, Howard. (1977). Filters and Control. *Linguistic Inquiry* 8, 425-504.

- Costa, João & Duarte, Inês. (2001). Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português. In *XVI Encontro Nacional da APL*, Lisboa: Colibri, 627-638.
- Delafosse, Ernest. (1955). *La langue mandingue et ses dialectes (Malinké, Bambara, Dioula): Dictionnaire mandingue-français*. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner.
- Duarte, Inês. (2000). Sobre Interrogativas-Q em Português Europeu e Português Brasileiro. Comunicação apresentada no *Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil*, Évora, Portugal, maio 8-13.
- Figueiredo, Carlos & Oliveira, Márcia S. Duarte. (2013). Português do Libolo, Angola, e português afro-indígena de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização. *PAPIA* 23(3), 105-85.
- Figueiredo, Carlos Guimarães & Santos, Eduardo Ferreira dos. (no prelo). Construções [Foc + QUE] no português do Município do Libolo, Angola. *Filologia e Língua Portuguesa* (16)1.
- Jorge, Lurdes & Oliveira, Márcia S. Duarte. (2012). ‘Por que que é assim?’-considerações sobre o fronteamto de QU em línguas crioulas do Atlântico e no português do Brasil. *PAPIA* 22(2), p. 253-277.
- Hagemeijer, Tjerk & Alexandre, Nélia. (2013). Language contact and change in Portuguese-speaking African countries. In N. Alexandre & T. Hagemeijer (orgs.). *Linguistic dynamics in Africa: varieties of Portuguese and Portuguese-related creoles*, panel in the 5th European Conference on African Studies – African dynamics in a multipolar world, 27-29 de junho, Lisboa: ISCTE-IUL.
- Holm, John. (1980). The ‘copula’ that highlighted the world. In J. L. Dillard (org.), *Perspectives on American English*, New York: Mouton de Gruyter, 367-375.
- Kato, Mary; Braga, M^a.; Corrêa, Vilma; Rossi, M^a. & Sikansi, Nilmara. (1996). As construções-Q no Português Brasileiro falado: perguntas, clivadas e relativas. In I. Koch (Org.), *Gramática do Português Falado*, Campinas: Ed. Unicamp, 303-368.
- Kato, Mary & Ribeiro, Ilza. 2009. Cleft sentences from Old Portuguese to Modern Portuguese. In Dufter, Andreas; Jacob, Daniel (Edts.). *Focus and background in Romance languages*. Philadelphia: John Benjamins, p. 123-154.
- Lewis, Paul; Simons, Gary & Fennig, Charles. (eds.). (2013). *Ethnologue: Languages of the World*, Seventeenth edition. Dallas, Texas: SIL International. Online version: <http://www.ethnologue.com>.

- Lopes, Amália. (2011). *As Línguas de Cabo Verde: uma radiografia sociolinguística*. Diss. Doutoramento, Lisboa: Univ. Lisboa.
- Lopes, Francisco. (2012). *Para uma análise Sintática das Construções Relativas no Crioulo da Ilha de São Nicolau – Cabo Verde*. Diss. Mestrado, São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Michaelis, Susanne; Maurer, Philippe; Haspelmath, Martin & Huber, Magnus (eds.). (2013). *Atlas of Pidgins and Creole Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. (<http://apics-online.info>, accessed on 2014-02-20).
- Monteiro, Adelaide. (2009). O contexto sociolinguístico e situacional da aprendizagem de língua portuguesa em Cabo Verde na 1º fase do Ensino Básico. Textos do Seminário *Metodologias e Materiais para o Ensino do Português como Língua Não Materna*, Lisboa: ILTEC, APP, 99-102.
- Oliveira, Márcia S. Duarte. 2011. Focus in Brazilian Portuguese. In Petter, M. Taddonni & Vanhove, Martine. (Orgs.). *Portugais et langues africaines. Études afro-brésiliennes*. Paris: Karthala, v. 1, p. 75-121.
- Oliveira, Márcia S. Duarte. (no prelo). DPs/WHs followed by ‘highlighter’ in Atlantic restructured languages: a non cleft construction. *PAPIA*.
- Quint-Abrial, Nicolas. (1998). *Dicionário Caboverdiano-Português: Variante de Santiago*, Lisboa: Verbalis Computação e Linguagem.
- Santos, Horácio. (2000). Stórias ki nu obi ta kontadu – Midjor manera di kume makaku. *Aliança*, Mar., p. 34.
- Santos, Eduardo Ferreira & Oliveira, Márcia S. Duarte. 2011. Aspectos da categoria foco no português de Angola. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 13(2), São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 269-304.
- Santos, Eduardo Ferreira dos & Silva, Raquel Azevedo da. 2012. Duplo preenchimento do CP em variedades reestruturadas do português: considerações sobre o universal linguístico e a situação de contato. Trabalho apresentado no *IV SIMELP*. Goiânia, Universidade Federal de Goiânia. Simpósio 12 – “Variedades de português faladas na África: os substratos ‘Níger Congo’ e ‘crioulos’”.
- http://www.ffiich.usp.br/dlciv/lport/flp/images/arquivos/FLP13-2/Santos_Oliveira.pdf
- Silva, T. V. da. (1998). “Kiriolu: Spedju di nos alma”, in *Cultura*, nº 2, pp. 109-131, Praia: Ministério da Cultura de Cabo Verde.
- Torrence, Harold. (2013). A promotion analysis of Wolof clefts. *Syntax* 16:2, 176-215.

Zubizarreta, M. L. (1997). *Prosody, focus and word order*. University of Southern California, Departamento of Linguistics, Los Angeles, CA, Manuscript.